

Época, 18 de setembro de 2020

## **A sucessão de notícias ruins que atingem a Petrobras**

*Afetada pela crise e pelos males do passado, a estatal encolhe e perde protagonismo entre as petrolíferas mundiais*

Por: Ramona Ordoñez e Bruno Rosa

Na maior parte de sua história de quase sete décadas, a Petrobras ocupou o lugar de principal empresa do Brasil. Mas sua majestade vem sendo dinamitada por uma sucessão de más notícias. Nove fora os escândalos de corrupção do passado, no segundo trimestre deste ano ela perdeu o posto de maior empresa do Brasil em faturamento para a processadora de carnes JBS. Em agosto, viu a plataforma de comércio eletrônico Mercado Livre ocupar seu lugar na Bolsa como companhia de maior valor de mercado em toda a América Latina. E, na última segunda-feira, anunciou a redução de seus investimentos entre 2021 e 2025 para algo entre US\$ 40 bilhões e US\$ 50 bilhões. É um patamar bem menor que os US\$ 64 bilhões do plano estratégico 2020-2024, já desidratado por dificuldades financeiras. A empresa ainda informou que vai se desfazer de mais ativos.

Essas mudanças poderiam ser circunstanciais no mundo corporativo, mas ganham um contorno simbólico quando se fala da maior estatal do Brasil, uma empresa que foi protagonista da economia brasileira desde sua criação, nos anos 1950. A estatal, que vinha em uma lenta recuperação da debacle provocada pela corrupção revelada pela Lava Jato e pelas consequências financeiras de investimentos e políticas de preços equivocados, vive nova tempestade.

A pandemia derrubou o consumo de combustíveis e os preços do petróleo em todo o mundo. A Petrobras teve um prejuízo de R\$ 51,2 bilhões no primeiro semestre e viu aumentar as dificuldades que já vinha enfrentando para vender negócios no intuito de reduzir seus débitos, hoje da ordem de US\$ 100 bilhões. Trata-se da petroleira mais endividada do mundo, e esse posto segue até agora incontestável. Um estudo da consultoria Wood

Mackenzie mostra que o nível de endividamento na Petrobras chega a ser mais que o dobro do de outras grandes gigantes globais do setor.

“NO SEGUNDO TRIMESTRE, A PETROBRAS PERDEU O POSTO DE MAIOR EMPRESA DO BRASIL EM FATURAMENTO PARA A JBS. E, EM AGOSTO, VIU A PLATAFORMA DE COMÉRCIO ELETRÔNICO MERCADO LIVRE OCUPAR SEU LUGAR NA BOLSA COMO COMPANHIA DE MAIOR VALOR DE MERCADO EM TODA A AMÉRICA LATINA”

O novo inferno astral da Petrobras — cuja privatização já defendida pelo ministro da Economia, Paulo Guedes, e pelo próprio presidente da estatal, Roberto Castello Branco, foi vetada pelo presidente Jair Bolsonaro — coincide com o mau momento da indústria do petróleo no mundo. Baixas contábeis bilionárias e prejuízos também têm penalizado outras grandes petrolíferas, as chamadas majors do setor.

Nos Estados Unidos, a ExxonMobil, que já foi celebrada como principal companhia de energia e uma das maiores de seu país, foi retirada do índice Dow Jones Industrial, da Bolsa de Nova York, onde estava desde 1928, para dar espaço para empresas de tecnologia. Neste ano, a anglo-holandesa Shell teve de fazer uma reavaliação do valor de seus ativos (uma baixa contábil, no jargão financeiro) de US\$ 16,8 bilhões, uma das maiores entre as empresas que divulgaram seus balanços do segundo trimestre. Foi a única a superar a Petrobras, com baixa de US\$ 13,4 bilhões. Em seguida aparecem a britânica BP (US\$ 9,11 bilhões), a francesa Total (US\$ 8,1 bilhões) e a americana Chevron (US\$ 5,7 bilhões).

A diferença da Petrobras em relação às outras petroleiras é sua fragilidade financeira, que a obrigou a reduzir investimentos de US\$ 12 bilhões para US\$ 8,5 bilhões neste ano e a desencadear um forte corte de custos, que não poupou nem os funcionários: para parte deles, nas áreas administrativas, a jornada e os salários foram reduzidos no auge da crise. A estatal fechou escritórios e abriu programas de demissão voluntária com a meta de reduzir a força de trabalho de 45.500 para 30 mil empregados.

Rafael Chaves Santos, gerente executivo de Estratégia da Petrobras, disse que o encolhimento é uma realidade que veio mesmo para ficar: “Uma empresa não é muito diferente de uma família. É igual ao chefe de família que fica desempregado e tem de pagar aluguel, escola do filho e

alimentação. É uma coisa parecida com o que aconteceu com a Petrobras quando ocorreu a Covid-19 e ficou todo mundo em casa. Desabou a venda de gasolina, de querosene de aviação. A receita foi para o chão, e os gastos continuaram. Por isso tem de fazer as medidas duras para preservar a saúde financeira da empresa”.

Esse “novo normal” se reflete em seu novo plano estratégico, para o período até 2024, a ser finalizado em novembro. A companhia se prepara para conviver com os preços do petróleo no mercado internacional em torno de U\$\$ 50 o barril no longo prazo, distante do patamar acima de US\$ 100 registrados em meados da última década, contou o executivo. O último plano estratégico da empresa considerava um patamar mínimo de US\$ 65.

O preço internacional do barril tipo Brent, referência para a Petrobras, tem apontado perspectivas de alta, com a cotação atualmente em torno de US\$ 45. Mas agora, para ser mais resiliente ainda à volatilidade dos preços do petróleo, a estatal pretende manter somente os projetos que se mostrarem viáveis com o petróleo cotado a US\$ 35 o barril. “O mundo do petróleo vai ficar mais desafiador. Tem um pedaço deste choque que ocorreu agora que não é de curto prazo, é perene”, afirmou Santos, citando a redução dos deslocamentos facilitada pela tecnologia, o avanço dos carros elétricos e a aceleração da transição energética no mundo para a redução das emissões de gases de efeito estufa.

Ele frisou que a empresa não está preocupada com a perda de posições no ranking das maiores, mas focada na comparação com as outras petroleiras. E isso passa por reduzir sua dívida para um patamar de US\$ 60 bilhões nos próximos anos, o que não será possível em 2020. O melhor resultado esperado para este ano é manter o patamar de 2019: US\$ 87 bilhões.

Analistas que acompanham os números da empresa elogiam a estratégia definida pela gestão de Roberto Castello Branco: vender ativos e concentrar esforços na produção dos campos de petróleo do pré-sal para fazer caixa e reduzir a dívida. Mas mostram preocupação em relação ao médio e ao longo prazos diante das transformações globais citadas por Santos. Companhias europeias, como a Total ou a norueguesa Equinor, vêm investindo pesado no desenvolvimento de energias renováveis, algo hoje fora do radar de Castello Branco. “Focar no pré-sal é a decisão correta hoje, pois os campos são mais lucrativos e ajudam na geração de caixa.

Essas áreas resistem ainda a um preço baixo do barril. Mas, olhando o futuro, é uma estratégia arriscada, até porque a empresa não tem mais atuação no exterior. Num cenário pessimista, a empresa acaba quando o pré-sal acabar”, disse Marcelo de Assis, chefe de pesquisa da área de Exploração e Produção de Petróleo da Wood Mackenzie na América Latina.

Magda Chambriard, ex-diretora-geral da Agência Nacional do Petróleo (ANP) e consultora da FGV Energia, avaliou que, “ao botar todos os ovos na mesma cesta”, a Petrobras fica mais suscetível a crises. E apontou um risco na estratégia de concentração na produção de petróleo no pré-sal. “Quando acabar, como vai ser?”, questionou. A especialista admitiu que alguns negócios não fazem sentido, como operar gasodutos e campos terrestre, mas criticou a venda de ativos lucrativos como a BR Distribuidora e refinarias em mercados estratégicos para reduzir o endividamento. “Antes a Petrobras buscava fazer tudo. Hoje, estamos no extremo oposto, com a empresa vendendo tudo”, disse. “Não é preciso dismantelar tudo para ser mais eficiente. E se essa estratégia não der certo?”

O economista e professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Edmar Almeida avaliou que a atual estratégia da empresa é acertada. Segundo ele, o foco na produção do pré-sal e a venda de ativos para reduzir endividamento é uma prioridade da qual a companhia não pode fugir. “A Petrobras não pode ser comparada com as outras empresas em termos de agenda estratégica porque tem um passivo muito grande por causa da crise financeira e do que aconteceu nas gestões anteriores. Isso não é escolha, tem de pagar a dívida. Por outro lado, há projetos de excelente qualidade no pré-sal que só ela tem”, observou.

Castello Branco herdou o plano de venda de negócios — que tem como objetivo arrecadar US\$ 26,9 bilhões até 2023 — das gestões anteriores de Pedro Parente e Ivan Monteiro, que iniciaram a reestruturação da empresa no pós-Lava Jato, no governo de Michel Temer. A estatal conseguiu vender alguns negócios, como o controle da BR Distribuidora e a rede de gasodutos TAG, mas ainda não saíram do papel as vendas de ativos como um bloco de oito refinarias, anunciadas ainda no ano passado, e a

subsidiária Gaspetro, que detém fatias em várias empresas de distribuição de gás nos estados.

“COMPANHIAS EUROPEIAS, COMO A TOTAL OU A NORUEGUESA EQUINOR, VÊM INVESTINDO PESADO NO DESENVOLVIMENTO DE ENERGIAS RENOVÁVEIS, ALGO HOJE FORA DO RADAR DE ROBERTO CASTELLO BRANCO NO PLANO ESTRATÉGICO DA PETROBRAS, FOCADO INTEIRAMENTE NA EXPLORAÇÃO DO PRÉ-SAL”

Adriano Pires, especialista do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), disse que o ritmo ainda é lento, mas avaliou que é o caminho certo: “O plano de desinvestimento está andando mais devagar, mas está andando. A Petrobras está concluindo a venda da Liguigás (subsidiária de gás GLP), anunciou a venda de sua participação restante na BR Distribuidora, está vendendo uma série de campos de águas rasas e em terra. E a venda das refinarias está caminhando também. Diante dessa situação que o mundo está vivendo, e também o Brasil, acho até que a Petrobras está se saindo melhor do que se poderia prever”.

Para o consultor, a baixa contábil de US\$ 13,4 bilhões feita no primeiro trimestre do ano, apesar de ter provocado o elevado prejuízo, foi uma medida pragmática, porque evitou o pagamento de dividendos e preservou o caixa. Ele destacou o aumento significativo das exportações da Petrobras, que já é a maior exportadora de óleo da América Latina. “Apesar dos resultados negativos que teve nos últimos meses, é preciso lembrar que é um ano atípico. Se a empresa não estivesse fazendo as coisas que vem apresentando, o resultado seria pior ainda. Na hora que vier essa vacina, no ano que vem, o preço do petróleo vai subir outra vez”, disse Pires.

Link original: <https://epoca.globo.com/economia/a-sucessao-de-noticias-ruins-que-atingem-petrobras-1-24646020>